

TIRA, PÕE, DEIXA FICAR, GUERREIROS COM GUERREIROS FAZEM ZIGUE-ZIGUE-ZÁ: A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL IREMOS

*TAKE IT OFF, PUT IT DOWN, LET IT STAY, WARRIORS
WITH WARRIORS DO ZIG-ZIG-ZÁ: AFRO-BRAZILIAN
LITERATURE IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION WE
WILL DISCLOSE*

Joselma Santos Viana 1

Resumo: O artigo “Tira, põe, deixa ficar, guerreiros com guerreiros fazem zigue-zigue-zá: A literatura afro-brasileira na Educação Infantil iremos divulgar” surge a partir do desafio proposto ao Grupo de Estudos Pesquisas, Educação, Infância & Docência – GEPEID/UFMA, coordenado pelo Prof. Dr. José Carlos de Melo, com vistas a trazer reflexões a partir da Pesquisa do tipo Intervenção, no campo da Educação Infantil. Neste, a literatura afroinfantil, que se configurou como objeto de estudo por ser uma vivência literária considerada essencial à Educação Infantil, será analisada a partir das educadoras de infância de uma instituição localizada na zona rural de São Luís do Maranhão. Parte-se, então, da seguinte questão norteadora: as educadoras dessa instituição de educação infantil têm mediado vivências com a literatura infantil de origem afro-brasileira, compartilhando em suas práticas pedagógicas a reflexão acerca da abordagem das relações étnico-raciais e proporcionando o desenvolvimento da Primeira Infância Antirracista? Dessa forma, discute-se acerca da realidade apresentada e das possibilidades de intervenção nesse contexto.

Palavras-chave: Literatura Afro Infantil. Possibilidades. Intervenção.

Abstract: This article emerge from the challenge proposed to the Research, Education, Childhood, and Teaching Study Group (GEPEID/UFMA), coordinated by Prof. Dr. José Carlos de Melo, and it aims to bring reflections based on Intervention Research in the field of Early Childhood Education. In this study, Afro-Brazilian children’s literature, chosen as the object of study for its significance in Early Childhood Education, will be analyzed through the perspectives of preschool teachers in an institution located in a São Luís do Maranhão rural area. The guiding question is: Do the educators in this early childhood education institution mediate experiences with Afro-Brazilian children’s literature, sharing reflections on the approach to ethnic-racial relations in their pedagogical practices to fostering the development of an Anti-Racist Early Childhood? Thus, the article discusses the presented reality and the possibilities for intervention in this context.

Keywords: Afro-Brazilian Children’s Literature. Possibilities. Intervention.

1 Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica – PPGEEB / Universidade Federal do Maranhão - UFMA, Docente da Rede Pública Municipal de São Luís - MA e da Rede Pública Municipal de Rosário - MA, Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Infância & Docência – GEPEID. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3996402604144590>. ORCID: <https://orcid.org/000-0002-1545-9733>. E-mail: joselmasv@gmail.com

Introdução

Divulgada a partir do século XVII, a literatura infantil, com livros destinados devidamente à realidade, interesses e necessidades das crianças, foi ganhando destaque (Zilberman, 2012). Contudo, apenas a partir do final do século XX, a literatura afro-brasileira, denominada também de literatura infanto-juvenil étnica, foi despontando em meio à reorganização política dos movimentos sociais, em especial do Movimento Negro e das novas legislações que corroboraram a ampliação dessas discussões. Essa foi uma forma de combater o racismo e de auxiliar no processo de construção da identidade étnica (Rosemberg; Bazilli; Silva, 2003).

Assim, a presente pesquisa de intervenção escolar, com o tema “Tira, põe, deixa ficar, guerreiros com guerreiros fazem zigue-zigue-zá: A literatura afro-brasileira na Educação Infantil iremos divulgar”, cujo objeto de estudo parte da literatura afro infantil, visa intervir na realidade das educadoras de infância em uma instituição da Zona Rural do município de São Luís/Maranhão. Para tanto, partimos do seguinte objetivo geral: intervir na realidade de uma instituição de educação infantil da zona rural do município de São Luís/Maranhão, com a inserção da literatura afro-brasileira, visando à reflexão e ao compromisso de contribuir acerca da abordagem das relações étnico-raciais, proporcionando ainda o desenvolvimento da Primeira Infância Antirracista.

Como desdobramento desta pesquisa, constituímos os seguintes objetivos específicos: identificar se as educadoras dessa instituição infantil se reconhecem enquanto mediadoras de leitura na Primeira Infância; refletir com as educadoras se as experiências literárias nessa instituição têm perpassado pela literatura afro-brasileira; intervir na realidade da instituição de educação infantil com ações que visem corroborar a mediação da literatura infantil, em especial a literatura afro infantil ao longo de todo o ano letivo.

A pesquisa de intervenção em educação destaca que tanto o pesquisador quanto os pesquisados “são partes integrantes do grupo que vivencia seus problemas, compartilha soluções e produz conhecimento a partir de uma relação orgânica com todo o desenrolar da investigação” (Pereira, 2019, p. 134). Assim, optamos por uma pesquisa com enfoque qualitativo, do tipo Intervenção, elencando o questionário enquanto instrumento de geração de dados. A aplicação do questionário possibilitou traçar o perfil das educadoras e, em seguida, nos direcionou à contextualização acerca das práticas realizadas nessa instituição.

Decidimos também resgatar a realidade institucional a partir da aplicação do questionário no segundo semestre do ano de 2023, com um grupo de 10 (dez) educadoras, turnos matutino e vespertino. Contudo, até esta etapa da pesquisa de intervenção, somente 06 (seis) educadoras contribuíram efetivamente com a pesquisa.

A relevância social desta temática é nos conduzir ao desafio de intervir na instituição de educação infantil através da literatura afro infantil, não apenas assegurando as escolhas dessas literaturas, mas também fomentando o conhecimento, a divulgação e a reflexão a partir das mesmas, alinhando as ações das educadoras ao Projeto Primeira Infância Antirracista – PIA, lançado em São Luís no dia 12 de maio de 2023, organizado pelo Fundo das Nações Unidas para Infância – UNICEF, em conjunto com o Instituto Promundo.

Na ocasião, algumas educadoras dessa instituição se fizeram presentes a convite da Secretaria Municipal de Educação de São Luís, já que o objetivo era chamar a atenção para os impactos do racismo no desenvolvimento infantil e propor práticas antirracistas através da Educação para as Relações Étnico-Raciais – ERER.

Este artigo foi organizado em seções: a primeira representa esta introdução que evidencia o objeto de estudo da pesquisa, a partir da segunda seção temos os resultados e discussões preliminares acerca da mediação das práticas literárias na Primeira Infância na instituição pesquisada, na terceira seção abordaremos acerca da literatura afro-brasileira na mediação das práticas antirracistas na qual é feito um breve levantamento de algumas obras, em seguida a quarta seção que trata de consolidar a literatura afro infantil neste contexto educacional a partir da proposição de Oficinas formativas e estratégias de ação, por fim as considerações finais, que por tratar-se de um estudo em andamento elencamos acerca da

programação da sua continuidade.

A pesquisa do tipo intervenção consiste na possibilidade de participação reflexiva e comprometida com a proposição de novas práticas pedagógicas, onde possamos oportunizar e/ou ampliar a literatura afro infantil no cotidiano educacional.

A mediação das práticas literárias na Primeira Infância

A Literatura Infantil e seus mais diversos modos de vivências, interações e práticas cotidianas são apresentados na etapa da Educação Infantil, seja proferindo, contando ou recontando histórias em abordagens individuais e/ou coletivas (Brasil, 1998, 2009, 2017). Na atualidade, compreendemos que tais vivências, proporcionadas pelas educadoras nas instituições de educação infantil, são experiências essenciais que oportunizam diferentes reflexões e aprendizagens com as crianças.

Vicente (2015, p. 211), em seus estudos, destaca a importância de “sentir grandes emoções e viver de maneira intensa tudo aquilo que as narrativas provocam”. Isso nos faz entender que a literatura nos apresenta diferentes papéis, sensações e nos coloca no lugar do outro para refletir acerca das inúmeras histórias.

Com o intuito de melhor desenvolver a presente pesquisa, traçamos inicialmente um perfil do grupo, a partir das respostas do questionário. Quanto à faixa etária, trata-se de um grupo adulto entre 26 e 45 anos; quanto ao gênero, todas as participantes são do gênero feminino, o que justifica apenas a utilização do termo educadora/as no decorrer deste artigo. Esse dado também reforça outra estatística bastante comum nas pesquisas educacionais realizadas na Etapa da Educação Infantil, sendo a figura feminina historicamente a principal responsável pelo caráter educativo das crianças. Quanto à raça/etnia, todas se consideram pardas e/ou negras/pretas, estatística que devemos considerar, pois retrata a população do Maranhão com sua constituição populacional de maioria negra, segundo o IBGE está entre os três estados brasileiros com mais comunidades quilombolas do país (Brasil, 2019).

Quanto ao nível de escolaridade das educadoras, constatamos que todas possuem graduação, sendo 05 (cinco) delas com pós-graduação *lato sensu* (compreende especializações em Educação Especial/Inclusiva, Gestão e Supervisão Escolar, Ensino da Educação Infantil) e 03 (três) delas estão cursando especializações *stricto sensu* em programas de mestrados. Vale ressaltar que 02 (duas) educadoras possuem até 05 (cinco) anos de exercício profissional e 04 (quatro) educadoras têm bastante experiência na área, ou seja, entre 06 (seis) a 20 (vinte) anos de magistério, 03 (três) destas com dedicação exclusiva ao longo destes anos dedicados à Etapa da Educação Infantil.

Neste artigo, as respostas das educadoras são transcritas sempre que necessário, contudo, iremos utilizar os identificadores de respostas R1, R2, R3, R4, R5 e R6 para resguardar o direito de anonimato das participantes. A aplicação do questionário junto às educadoras oportunizou ratificar que todas se dedicam às práticas pedagógicas que envolvem a leitura literária com as crianças, considerando-as importantes em sua totalidade. As educadoras acreditam que tais práticas devem abordar temáticas específicas, entre as quais:

R1. “Temáticas que atendam a ludicidade e as curiosidades da infância e que valorizem os direitos de ser criança ao contribuir com sua visão de mundo”.

R2. “vários temas que são pertinentes para o momento no qual estamos vivendo. Como por exemplo, violência dentro das escolas, o bullying, a parte da sexualidade, mas como forma de prevenção ao abuso infantil, que tenha discussão acerca de gênero, trabalho infantil, assuntos essenciais para o desenvolvimento da consciência da criança para que ela aprenda desde pequena a respeitar às diversidades e a se proteger”.

R3. “Respeito e Sentimentos”.

R4. “Temas diversos, por exemplo: as questões étnico-raciais”.

R5. “virtudes”.

R6. “Violência Sexual Infantil, trabalho infantil”.

Acerca das respostas das educadoras, percebemos também a configuração da duplicidade da tarefa educativa atribuída historicamente à literatura infantil e destacada por Zilberman (2012) por meio da formação moral e interesses das crianças. Em suas respostas, as educadoras demonstram preocupação em relação às crianças enquanto sujeitos de direitos quando sugerem temáticas: R.1 “que atendam à ludicidade e às curiosidades da infância”; R2. “assuntos essenciais para o desenvolvimento da consciência da criança”. No entanto, percebemos que a formação moral é seguramente a principal atribuição das práticas literárias nesse contexto.

Compreendemos que a formação moral, vista como um instrumento pedagógico, deve ser pautada a partir da formação para a diversidade, conforme proposição curricular abordada pelo Documento Curricular do Território Maranhense – DTCMA, que serve de base para que as escolas (re) elaborem seus Projetos Político-Pedagógicos – PPP e planos de aulas. Nesses documentos devem ser assumidos o compromisso com a promoção da aprendizagem significativa, de modo a “atender a todas as diferenças sociais, sejam elas provenientes da diversidade biológica, cultural, social, de classe, religiosa, de gênero ou étnica” (Brasil, 2019, p. 28).

A abordagem dessas temáticas citadas pelas educadoras justifica-se pelo intuito de oportunizar diferentes reflexões (violência dentro das escolas, bullying, gênero, valores, respeito e sentimentos, e, entre outras temáticas, as discussões acerca das questões étnico-raciais), já que “um dos atributos da literatura é o de não visar fins utilitários. No entanto, há demandas contemporâneas que tem feito surgir uma literatura a serviço, que incorpora temas polêmicos da atualidade discutidos na educação formal” (Lannes, 2019, p. 41-42).

Conhecidos também como temas integradores, tais discussões correspondem a questões importantes, algumas delas com força de lei, como é o caso da Lei nº 10.639/2003, de 09 de janeiro de 2003, pela qual todas as instituições de educação básica, incluindo as instituições de educação infantil, devem obrigatoriamente configurar a temática “História e cultura afro-brasileira”, que se insere nas discussões acerca das relações étnico-raciais (Brasil, 2003).

Torna-se uma conquista para as pessoas negras, em especial para as crianças, o direito de se ver representadas nos contextos educativos, com a autonomia de apresentar a sua identidade e cultura, e, de fato, perceber a efetivação da igualdade perante a diversidade étnico-racial. Nesse contexto, é oportuno saber quais obras já se encontram inseridas nas vivências com práticas literárias nessa instituição. Assim, foi questionado às educadoras acerca do acesso às obras literárias que possibilitam a reflexão das relações étnico-raciais e, em caso positivo, foi pedido que destacassem as principais obras.

Feitas essas considerações, partimos para a próxima abordagem acerca da literatura afro infantil na mediação das práticas antirracistas.

A literatura afro-brasileira na mediação das práticas antirracistas

A abordagem de uma Educação para as Relações Étnico-Raciais que possibilite a mediação de práticas antirracistas deve se fazer presente nas instituições de educação infantil com todos que nesta se encontram (crianças/adultos). Por isso, nosso objeto de estudo é a literatura afro infantil, a qual buscamos conhecer para saber se já existe alguma iniciativa por parte das educadoras que contemple esse tipo de leitura.

A literatura afro infantil, enquanto um ramo da literatura afro-brasileira ou literatura negra e de engajamento sociopolítico, precisa ser analisada em diferentes aspectos, tornando-se necessário que as educadoras estejam sensíveis às representações das pessoas negras, se existe uma visão estereotipada desses indivíduos e/ou se ocupam apenas lugares de subalternidade. Entre outras questões, é preciso dedicar especial atenção às representações das próprias crianças negras nessas obras, já que, por muito tempo, foi negado o seu protagonismo, sendo imprescindível uma educação pela diversidade.

Quando questionado às educadoras se teriam acesso às obras literárias afro infantis, das 06 (seis) apenas 01 (uma) educadora respondeu: R5. “não lembro”. Quando solicitada às demais participantes a recomendação de obras literárias afro infantis que permitissem a reflexão no contexto das relações étnico-raciais com as crianças, as educadoras responderam conforme o quadro abaixo:

Tabela 1. Obras da literatura afro infantil recomendadas pelas educadoras

Obras citadas	Educadoras						TOTAL
	R1	R2	R3	R4	R5	R6	
Menina bonita do laço de fita (Ana Maria Machado)	x	x	x		-	x	04
O cabelo de Lelê (Valéria Belém)		x			-	x	02
Na casa da Vó Bá (Luanda Martins Campos)	x			x	-		02
A cor de Coraline (Alexandre Rampazo)	x				-		01
Tanto, tanto! (Trish Cooke)	x				-		01
As tranças de Bintou (Sylviane Anna Diouf)	x				-		01
O Pequeno Príncipe Negro (Rodrigo França)	x				-		01
Meu crespo é de Rainha (Bell Hooks)			x		-		01
O menino marrom (Ziraldo Alves Pinto)					-	x	01

Fonte: dados organizados pela autora (2024).

As obras mais citadas foram “Menina Bonita do laço de fita” e, em seguida, “O Cabelo de Lelê” e “Na casa da Vó Bá”, as quais são abordadas no presente artigo. O livro “Menina bonita do laço de fita”, da autora Ana Maria Machado, foi citado por 04 (quatro) educadoras. Essa obra vem por anos se mantendo como uma das preferidas entre as educadoras da Etapa da Educação Infantil.

Ana Maria Machado, nasceu no bairro de Santa Teresa no Rio de Janeiro/RJ em 24 de dezembro de 1941. Iniciou sua carreira como escritora de literatura infantil na década de 1970. As suas primeiras histórias foram a convite da Revista Recreio que buscava autores novos para literatura infantil e juvenil. Em 2003, tomou posse e passou a ocupar a cadeira número 1 da Academia Brasileira de Letras

(ABL), a qual presidiu entre os anos de 2011 a 2013. Ana Maria Machado escreveu mais de cem livros infantis, juvenis, ficção e ensaios publicados em 26 países, além de colecionar prêmios literários nacionais e internacionais ao longo dos 50 anos de carreira. A história do livro infantil “Menina bonita do laço de fita”, publicado em 1986 pela Editora Melhoramentos (Santos, 2021, p. 63).

Sendo citada em diversos estudos, como em 11 (onze) pesquisas de mestrado identificadas em plataformas como Banco de Dados da Biblioteca Brasileira Digital de Teses e Dissertações – IBICT e no Catálogo de Teses e Dissertações - CAPES ao longo de 10 anos, entre 2008 e 2018 (Santos, 2021), as pesquisas ratificam que a autora Ana Maria Machado contribuiu para a desconstrução de estereótipos negativos da pessoa negra, aproximando essa discussão das crianças ao valorizar as características da personagem negra. Em um diálogo da protagonista com um coelho, ele se mostra encantado com a sua beleza.

Entretanto, Santos (2021) apresenta algumas ressalvas acerca de estudos sobre a obra, destacando que as personagens negras (menina bonita, a mãe e a avó) não possuem um nome. Tal ausência remonta para a invisibilidade sofrida pelas pessoas negras. Aponta ainda um conflito étnico-racial que se constrói pela inversão de papéis: a menina negra não se sentiu rejeitada pela cor de sua pele, mas o outro sim, ainda que este outro seja um animal (coelho). Fez-se, então, referência à ideia de uma identidade fragmentada a partir da narrativa da miscigenação que envolve o mito da democracia racial e a discussão acerca da ideologia do branqueamento.

Muito embora essas ressalvas tenham sido apresentadas, estas não retiram o brilho da obra e não podemos negar a sua importância, conforme relatado anteriormente. É uma obra bastante conhecida e podemos dizer que se trata de um clássico entre as literaturas afro infantis, nas quais temos a criança negra como protagonista. Percebemos a importância dessa representatividade e a maneira lúdica como a narrativa vai sendo construída por meio do diálogo entre a menina e o coelho: “ela inventava e brincava com as palavras” (Santos, 2021, p. 67). Esses elementos reforçam o interesse das crianças.

A segunda obra citada foi “O cabelo de Lelê”, da autora Valéria Belém, explicita que a personagem, no princípio, não aceita os cabelos cacheados: “a imposição de um padrão branco e falta de representatividade negra tenham agravado o problema, de tal forma que a menina tenha desenvolvido um sentimento de não aceitação da imagem que vê no espelho” (Lannes, 2019, p. 82-83).

O livro foi publicado pela primeira vez em 2007. A obra é em formato de poema e os versos simulam o movimento dos cabelos da menina nas páginas do livro. As ressalvas acerca da obra destacam “as ideias subtendidas da submissão feminina e respectiva necessidade de ser salva por um príncipe e da sexualização da infância” (Lannes, 2019, p. 84), sobretudo quando Lelê aparece toda de branco dançando com um menino.

Com a temática das relações étnico-raciais, a obra apresenta as ilustrações de Lelê abraçada em um livro sobre a África, remetendo à seguinte ideia: “é a partir do conhecimento que Lelê passa a gostar dos cabelos cheios de cachinhos, ela descobre de onde eles vieram” (Lannes, 2019, p. 84). Essas ilustrações possibilitam as reflexões acerca do respeito à história de cada sujeito e da importância da sua ancestralidade para a construção da sua identidade.

A terceira obra mais citada foi “Na casa da Vó Bá” (2022), da autora Luanda Martins Campos. A obra é atual e tornou-se bastante divulgada por sua autora, que é maranhense e egressa do Programa do Mestrado Profissional da Universidade Federal do Maranhão. A obra foi analisada de maneira preliminar durante o XXVI Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste em São Luís do Maranhão, em 2022. Tal análise encontra-se nos Anais das Reuniões Regionais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd, na qual foram destacadas categorias como Afetividade, Historicidade e Identidade. Nesse esboço, é importante destacar que não foram esgotadas as nossas impressões e que, por ser uma obra nova, precisa ser amplamente analisada e divulgada.

A obra entrelaça memórias de um encontro intergeracional entre a avó Maria, que,

desde criança, é chamada de Bá, que significa “quem cuida” (Campos, 2022, p. 4) na língua africana Yorubá, e a neta Lueji, nome africano em homenagem a uma “grande soberana do Reino Luanda” (Campos, 2022, p. 29). A obra possui uma narrativa que apresenta a criança enquanto sujeito histórico e de direito e possibilita a construção de uma identidade positiva da criança negra, valoriza a figura da pessoa idosa e resgata a contação de histórias, brincadeiras e a cultura entre outras heranças afro-brasileiras enquanto práticas importantes no universo infantil.

Foram citadas pelas educadoras 06 (seis) outras obras que são destaque na literatura afro infantil (Tabela 1). Consideramos que se trata de uma iniciativa importante dessa instituição proporcionar para as crianças o contato com obras que retratem a representatividade negra. Em contrapartida, ainda nos parece uma ação tímida a presença dessas obras na instituição. Outro fato que nos chamou a atenção foi a ausência das demais educadoras na pesquisa, impossibilitando a análise na sua totalidade (10 educadoras), não podemos afirmar ao certo se é pela recusa em participar de qualquer tipo de pesquisa ou em decorrência do estranhamento acerca da temática, e/ou outros motivos.

A pesquisa de intervenção começou a ser aplicada no segundo semestre de 2022 a partir da realização do questionário e já conta com a autorização da Equipe Gestora para a inclusão dessa temática no Calendário de Formação da Instituição/2024. Essa formação será proporcionada com/para as educadoras, equipe gestora e demais profissionais da instituição, pois o intuito é inserir as práticas antirracistas nas demandas diárias.

Consolidando a literatura afro infantil no contexto

Com a Lei nº 10.639/2003, compreendemos que a inserção das discussões acerca das relações étnico-raciais nas instituições educacionais visa à participação e formação de todos com a produção de saberes e divulgação de práticas promotoras da igualdade.

Romper com esse silenciamento possibilita reeducar para as relações étnico-raciais, realizar a desconstrução de estereótipos e desenvolver práticas pedagógicas promotoras da igualdade racial com vistas à conquista de relações mais justas e democráticas para todas as crianças (Silva, 2024, p. 249-250).

Dando continuidade à nossa pesquisa com as educadoras dessa instituição infantil e na pretensão de saber se consideram importante apresentar as obras de literatura afro infantil, todas responderam que sim e justificaram as suas respostas.

R1. Sim. Porque desde criança temos que aprender acerca das diversidades e respeitar as diferenças.

R2. Sim, para que elas aprendam a respeitar a diversidade, e aprendam que elas são lindas do jeitinho que elas são. Desde pequenas as crianças são condicionadas a um determinado padrão através dos brinquedos, como por exemplo as bonecas brancas, de olhos azuis e cabelos claros, a criança quer se identificar com aquele padrão. Mas a maioria das nossas crianças são mestiças, com traços predominante negros, e fazendo com que essas crianças tenham acesso a este tipo de literatura pode romper com essa padronização de que só a boneca branca é bonita, que só as meninas brancas são bonitas. Temos que romper com isso e trazer desde o início a diversidade de raças para que a criança consiga se olhar como ela é de verdade e que goste e valorize isso. Algumas crianças, mesmo sendo pretos, não

se olham como pretos, mas como morenos, pardos e isso deve ser rompido, e a escola é o melhor local para tal.

R3. Sim, pois levando em consideração a nossa etnia devemos promover que as crianças desenvolvam autoestima e que sejam capazes de criar um mundo sem preconceito e discriminação.

R4. Sim, pois podemos trabalhar de forma lúdica, além de despertar o gosto pela leitura.

R5. Sim. Pois ajuda a criança a ter empatia e respeito pelo outro.

R6. Sim. Tudo que diz respeito à identidade do Brasil é de suma importância para as crianças. Uma vez que autores renomados marcaram essa literatura, faz-se necessário que as crianças tenham esse contato com tais obras ao longo da sua trajetória na Educação Infantil.

Através da fala das educadoras, apontamos o desejo de mudanças e percebemos um ponto em comum: o consenso de que as práticas pedagógicas que ofertam às literaturas afro infantil possibilitam reflexões com as crianças acerca do respeito. A educadora R1. aborda o “respeito à diferença”; R2. contempla o “respeitar a diversidade”; R3. destaca “um mundo sem preconceito e discriminação”; R5. visa à “empatia e respeito”; R6. ratifica o “respeito à identidade do Brasil”.

Por fim, ao serem questionadas sobre as possíveis contribuições das universidades em sua prática pedagógicas, levando em consideração as literaturas afro-brasileiras e práticas antirracistas na Educação Infantil, as educadoras pontuaram que:

R1. Nos proporcionando formações/cursos de contações de histórias.

R2. Com mais prática, a teoria é sempre importante, mas ela deve estar atrelada à prática, os alunos precisam vivenciar este momento em seus estágios supervisionados. E a formação destes futuros profissionais não deve passar pelo aligeiramento.

R3. Curso de extensão presencial que almeje apresentar novas estratégias para o momento da contação de histórias.

R4. Com formações continuadas ou confeccionando materiais com o intuito de fomentar as informações.

R5. Promovendo mais atividades que incluam as escolas públicas.

R6. Divulgando ainda mais este grupo. “Não se fala do que não se conhece”. Nossas ocupações diárias nos fazem desconhecer os trabalhos, projetos, e tudo que envolve um grupo como este. Eu soube um pouco mais, através desta pesquisa a qual faz parte. Ressalto que com essa pesquisa, já estão contribuindo para minha prática. Obrigada!

O questionamento foi no sentido de escutar das educadoras quais seriam seus anseios e, por isso, destacaram em suas respostas a solicitação de oferta de formações pela Universidade, conforme destaca R1. “formações/cursos de contação de histórias”; R3. “curso de extensão presencial”; R4. “formações continuadas”; R5. “atividades que incluam as escolas públicas”. Destacamos que a nossa pesquisa do tipo Intervenção, realizada pelo Grupo de Estudos

Pesquisas, Educação, Infância & Docência – GEPEID/UFMA, visou trazer essa contribuição para diminuir a distância entre a universidade e as instituições educativas.

A partir da realização da primeira etapa da pesquisa a Equipe Pedagógica da instituição, externou o anseio por momentos de formação. Sobre isso, vale destacar que o nosso direcionamento acerca da educação para as relações étnico-raciais é no sentido de atingir, inclusive, a gestão, pois a equipe gestora torna-se essencial na proposição dessas formações e no acompanhamento das ações que serão realizadas posteriormente (Silva, 2024).

Tabela 2. Planejamento das Etapas do Projeto de Intervenção

ETAPAS	ESTRATÉGIAS DE AÇÃO
1ª	Entrevista com as educadoras (<i>Google Forms</i>) / Apresentação do Resultado do Projeto de Pesquisa para Direção/ Equipe pedagógica da UEB para concessão da Realização da Pesquisa Interventiva e da Oficina com as Educadoras
2ª	Recesso Coletivo / Sistematização das discussões, análise dos dados da pesquisa e avaliação do processo de pesquisa
3ª	Autorização de uso de Imagem das educadoras / Formação PIA – Primeira Infância Antirracista / Mediação da Literatura Afro/Afro-brasileira / Intervenção na instituição educativa (Projeto Político Pedagógico, Plano Anual da Instituição /planejamentos)
4ª	Etapa final do Projeto na escola / Versão Completa do Artigo e Culminância na instituição em Novembro/2024

Fonte: dados organizados pela autora (2024).

Para não concluir...

O Projeto de Intervenção sofreu alterações devido a alguns atrasos no seu cronograma, particularmente em decorrência de situações de vulnerabilidade social ocorridas na região da escola, as quais comprometeram algumas semanas de atividades e impossibilitaram darmos prioridade à aplicação do projeto em 2023. Contudo, ele foi priorizado enquanto Oficina com as Educadoras para o primeiro semestre de 2024.

Assim, ratificamos a importância das práticas literárias, que perpassam pelas literaturas clássicas, por suas releituras e, em especial, pelas literaturas afro infantis que apontam para as discussões das questões étnico-raciais e, acima de tudo, para o respeito.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, DF: Presidência da República, 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm Acesso em:13/12/2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: educação é a base. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017.

BRASIL. Ministério de Educação. Documento Curricular do Território Maranhense: para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental. 1ª ed. Rio de Janeiro: FGV. 2019, 487 p.

CAMPOS, Luanda Martins. Na casa da Vó Bá. 1. ed. São Luís, MA: Editora Sunny, 2022. 40p.

LANNES, Marina Badaró. O “empoderamento crespo” na literatura infantil. 2019. 115f. Dissertação (Mestrado em Ensino) - Universidade Federal Fluminense, Santo Antônio de Pádua, RJ, 2019.

PEREIRA, Antônio. Pesquisa de Intervenção em educação. Salvador, BA: Eduneb, 2019.

ROSEMBERG, Fúlvia; BAZILLI, Chirley; SILVA, Paulo Vinícius Baptista da. Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura. Educ. Pesquisa, v. 29, n. 1, p. 125-146, jan./jun. 2003.

SANTOS, Ester Mascarenhas dos. O processo de construção de identidade de meninas negras: um olhar sobre o livro infantil “Menina Bonita do Laço de Fita” de Ana Maria Machado. 2021. 159f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

SILVA, Otávio Henrique Ferreira da Silva (org.). Infâncias, educação infantil e relações étnico-raciais: possibilidades e desafios nos 20 anos da lei 10.639/2023 – Petrolina, PE: IFSertão PE, 2024.

VICENTE, Kyldes Batista. A literatura Infantil na Educação Infantil. In: MELO, José Carlos de (org.). A Formação continuada de Professores da Educação Infantil: Distintas Abordagens. São Luís, MA: EDUFMA, 2015. p. 203-214.

ZILBERMAN, Regina. A literatura Infantil na escola. 1 ed. São Paulo, SP: Digital. Global, 2012.

Recebido em Dezembro de 2023.
Aceito em Março de 2024.